

Poder Aéreo e Contrainsurgência

Lógica Estratégica da Operation Inherent Resolve

VALÉRIA DE MOURA SOUSA
AUGUSTO W. M. TEIXEIRA JÚNIOR

Introdução

Diante da ameaça do Estado Islâmico (ISIS), os Estados Unidos iniciam sua participação no conflito no Iraque e na Síria em agosto de 2014, empregando ataques aéreos para apoiar esforços locais contra os insurgentes. Em setembro do mesmo ano, o presidente Obama definiu uma estratégia com nove linhas de ação para derrotar o ISIS, que englobava os aspectos de governança, economia, segurança e desenvolvimento. Em segurança, tem-se a estratégia de negar refúgio seguro aos terroristas, que consistia em degradar as lideranças do ISIS, suas capacidades operacionais e logísticas, de forma a impedir o acesso a recursos e santuários a partir dos quais são preparados e executados seus ataques¹. Esta estratégia foi conduzida por meio da Operation Inherent Resolve (OIR), cujos esforços são de responsabilidade de uma coalizão com mais de 60 países.

Entretanto, persistem na atualidade dificuldades em se utilizar o poder aéreo em conflitos não convencionais, como em operações contra insurgências². Tais dificuldades relacionam-se à indefinição de limites de um campo de batalha, ao tipo de terreno em que se combatem os insurgentes, e à imersão destes entre a população. Outra dificuldade relaciona-se à ausência de alvos decisivos³ a serem atacados pelo poder aéreo, pois grupos irregulares não dependem criticamente de linhas de suprimento, além de não serem apoiados por uma estrutura industrial ou por um centro de comando hierarquizado, por exemplo. Por outro lado, debates recentes na literatura⁴ apontam evidências a favor da importância do poder aéreo no combate a grupos irregulares.

Levando em consideração as limitações e as possibilidades do poder aéreo em conflitos irregulares, este artigo visa responder à seguinte questão: qual foi a lógica de emprego dos ataques aéreos concebida para derrotar o Estado Islâmico na OIR? A pergunta será respondida por meio do método da congruência e de um modelo teórico criado através do confronto entre as teorias de John Warden III⁵ e Robert Pape⁶.

Poder aéreo e contrainsurgência contra o Estado Islâmico: competição de teorias como Modelo de Análise

Segundo George e Bennett⁷, o método de congruência verifica se as previsões de uma teoria podem ser observadas em um caso específico, sendo analisadas as relações entre as variáveis, de forma a identificar se estas se comportam conforme o esperado pela teoria relacionada ao objeto deste caso. Para isso, o modelo apontará as principais variáveis das teorias selecionadas, para então definir qual delas melhor se aplica à condução da OIR.

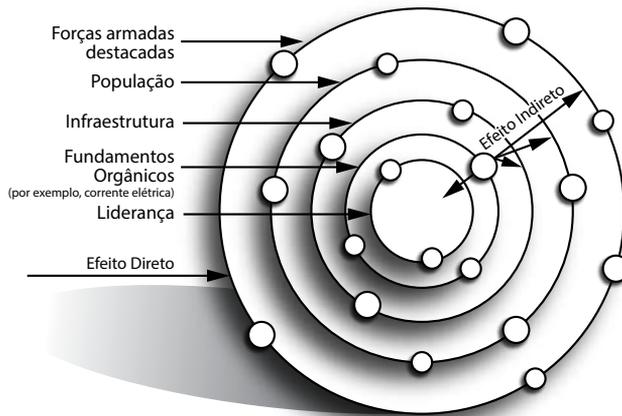


Figura. O modelo dos cinco anéis e seus subsistemas

Fonte: Warden (1995, pág. 48)

Na concepção de Warden⁸, um inimigo pode ser representado por um sistema compreendido de acordo com o modelo dos cinco anéis, conforme a figura acima. O anel central engloba as lideranças – considerado o componente crucial do sistema –, e é envolvido pelos seguintes anéis, ordenados do interior para o exterior, tendo sua importância reduzida neste mesmo sentido: os essenciais orgânicos, a infraestrutura, a população e os elementos responsáveis pela defesa do sistema. Este modelo demonstra que na guerra, os alvos estão distribuídos por todo o sistema inimigo, e não apenas no componente militar. Warden⁹ considera que atacando o sistema de acordo com a importância dos alvos, as forças militares estarão desprovidas do apoio das lideranças, dos suprimentos, da infraestrutura e da população. No entanto, não se deve desconsiderar o emprego de ataques a estas forças, pois para o autor, pode haver situações em que para atingir os centros estratégicos, é necessário vencê-las. As forças militares também serão os alvos primordiais quando um combatente não dispuser de meios para alcançar diretamente os cen-

tros estratégicos. Em ambos os casos, este componente deve ser pensado como um sistema representado pelo modelo dos cinco anéis.

Conforme o modelo acima, é recomendada a estratégia de ataques paralelos, os quais devem direcionar-se ao mesmo tempo para todos os componentes do sistema inimigo, pois apesar de o anel central das lideranças constituir o ponto mais vulnerável de um oponente, Warden¹⁰ reconhece que é difícil exercer um impacto direto sobre este anel. Logo, ataques paralelos podem influenciar na tomada de decisão de um adversário, e como resultado tem-se a paralisia estratégica, ao lhe impedir o acesso aos meios para o combate.

Já para Pape¹¹, o emprego do poder aéreo em um conflito pode ser compreendido a partir de sua teoria de coerção, cujo conceito refere-se aos esforços orientados a provocar transformações no comportamento de um oponente, por meio da manipulação de custos e benefícios associados ao conflito. Estes podem ser afetados por meio de quatro estratégias coercitivas aéreas. A primeira forma de coerção, denominada punição, consiste em afetar o moral da população de forma a aumentar os custos dos interesses de um adversário, fazer com que um governo se renda ou provocar a revolta da população contra este, podendo também estar voltada a afetar a economia civil. A coerção também pode ser empregada por meio de estratégias de risco, cujo objetivo é aumentar gradualmente as expectativas de destruição aos civis, o que induzirá um oponente a fazer concessões para que não sofra custos futuros. Assim, segundo Pape¹², os bombardeios são escalados para que se convença um oponente de que os alvos serão atacados a depender do seu comportamento. A terceira estratégia coercitiva refere-se à decapitação, a qual pressupõe que lideranças e suas redes de comunicações são os pilares que sustentam um oponente, e reflete a teoria de Warden sobre poder aéreo.

Por fim, tem-se a negação, por meio da qual as forças inimigas são enfraquecidas para que tropas em solo avancem sobre territórios sem que haja perdas devastadoras. Assim, é possível frustrar a estratégia de um oponente ao conquistar territórios, de forma a induzi-lo a fazer concessões e evitar perdas futuras. As campanhas de negação aérea destinam-se à destruição de armamentos, à interdição de suprimentos entre as fontes e o campo de batalha, à interrupção de movimentos e de comunicações no teatro de operações (TO), e são conduzidas em uma guerra de atrito. Uma vez que é possível resistir à coerção por punição ou risco, a coerção por negação apresenta maiores probabilidades de sucesso.

Para Pape¹³, deve-se adotar a estratégia coercitiva aérea de negação, na qual o poder aéreo pode ser empregado em missões de interdição estratégica, interdição operacional ou apoio aéreo aproximado (ApAA), a depender da duração do conflito e da situação do *front*. Dessa forma, é possível afetar a estratégia militar de um inimigo, o qual se sentirá pressionado a fazer concessões. Portanto, devem

ser incluídos no modelo não apenas os tipos de alvos atingidos, como também deve-se identificar o efeito dos ataques conduzidos na OIR. O tabela seguinte contém os elementos presentes no modelo:

Teoria/Autor	Modelo dos cinco anéis (Warden)	Coerção militar convencional (Pape)
Tipo de estratégia	Ataques paralelos	Estratégia aérea coercitiva de negação
Tipos de alvos mais importantes	Lideranças e suas comunicações, indústria de componentes essenciais, infraestrutura	Forças e comunicações no TO, material bélico, suprimentos entre as fontes e o campo de batalha
Tipos de missões para execução da estratégia	Interdição distante e intermediária	Interdição operacional, interdição estratégica ou apoio aéreo aproximado
Efeito esperado	Paralisia estratégica	Impossibilidade da condução da estratégia militar

Tabela 1. Modelo para análise da OIR

Fonte: Elaboração própria

A partir das teorias que compõem o modelo de análise, têm-se as seguintes hipóteses: a primeira, baseada nas ideias de Pape, ressalta o caráter irregular do ISIS. Isso implica pouca dependência de logística, e devido a esta característica, a campanha contra os insurgentes está focada em apoio aéreo aproximado, de forma a exercer coerção por meio da negação. Já a segunda hipótese, que enfatiza o controle do ISIS sobre os recursos dos territórios dominados, sustenta que devido à existência de alvos relacionados à logística e à infraestrutura, o foco da campanha está voltado a ataques paralelos, que buscam a paralisia estratégica defendida por Warden no modelo dos cinco anéis.

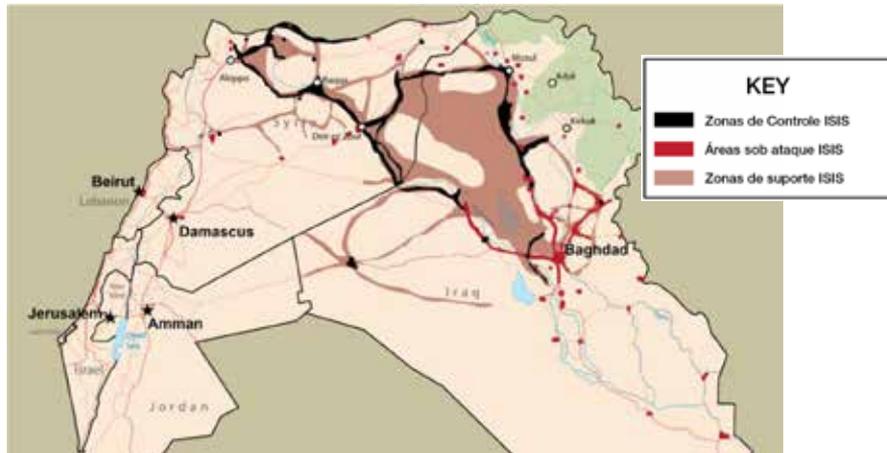
As hipóteses levam em consideração duas circunstâncias. Na primeira, tem-se que o planejamento da OIR pode ter enfatizado o caráter irregular do ISIS. Nesse caso, na primeira hipótese argumenta-se que devido à ausência de alvos estratégicos, planejou-se uma campanha baseada em ApAA – o que reflete a teoria de Pape, a qual defende que o poder aéreo é melhor aproveitado no campo de batalha para exercer coerção. Por outro lado, no segundo cenário, é possível que tenha sido ressaltado o exercício de funções estatais por meio do controle de infraestrutura e recursos, os quais fornecem meios para que o Estado Islâmico se sustente nos conflitos. Assim, a segunda hipótese considera que dada a presença de alvos de logística, infraestrutura e recursos, optou-se pela estratégia de ataques paralelos, de forma a causar paralisia estratégica no inimigo, conforme a teoria de Warden.

O nível político-estratégico da OIR

De acordo com o documento “*Quarterly Report and Biannual Report to the United States Congress*”¹⁴, que abrange o período entre dezembro de 2014 e março de 2015, na perspectiva da Casa Branca, a estratégia geral para derrotar o ISIS consistia em nove linhas de esforço, a saber: o apoio à governança efetiva no Iraque; negar refúgio seguro ao ISIS; habilitar as capacidades de forças aliadas; aprimorar o recolhimento de inteligência sobre o ISIS; romper sua estrutura financeira; expor sua verdadeira natureza; interromper o fluxo de combatentes estrangeiros; proteger o *homeland*; e ajuda humanitária. Segundo Connable, Lander e Jackson¹⁵, em momentos posteriores a Estratégia da Casa Branca apresenta mais especificidades, como no caso dos quatro pilares anunciados em 2015, nos quais estão incluídos não só a prevenção de ataques e a ajuda humanitária, como também a campanha aérea contra o ISIS e um maior apoio a forças em solo. Outra mudança notada pelos autores, no aspecto militar da estratégia divulgada em 2016, consiste na inclusão da perseguição de líderes insurgentes. Por outro lado, Connable, Lander e Jackson¹⁶ mostram que tais linhas de esforços determinados pela Coalizão em 2014, se dividem em cinco, sendo elas: o apoio militar aos aliados; a interrupção no movimento de combatentes estrangeiros; o desmantelamento das finanças do ISIS; a exposição de sua essência de fato; e o gerenciamento da crise humanitária na região.

Uma vez que a estratégia inicial de contenção agressiva não impediu o avanço do Estado Islâmico sobre mais territórios, Ohlers¹⁷ afirma que no fim de 2015 foram intensificados os esforços no combate ao grupo. Nesse período, as ofensivas em solo foram conduzidas de forma a exercer maiores pressões sobre o ISIS. Essa mudança na estratégia é vista no documento “*Quarterly Report to the United States Congress—October 1, 2015–December 31, 2015*”¹⁸, no qual é descrita como “Três Rs”. Nessa perspectiva, as prioridades da campanha militar se voltam para as cidades de Raqqa e Ramadi – esta última retomada em dezembro de 2015–, e também dão mais destaque a *raids*—ou seja, incursões. Tal mudança, segundo o documento, considera como indicador de sucesso o controle de cidades e não apenas a extensão de territórios recuperados. Esta priorização se justifica pela importância estratégica destas cidades, uma vez que a infraestrutura das lideranças do ISIS foram estabelecidas em Raqqa, e Ramadi está localizada na rota que conecta a Síria e a Jordânia, além de situar-se nas proximidades de Bagdá. Também é visto neste documento que as incursões, a cargo de uma força expedicionária especializada, foram conduzidas nesse período de forma coordenada com as forças iraquianas e os curdos, enquanto que na Síria tal força atuou unilateralmente. A partir de então, buscou-se exercer maiores pressões sobre o ISIS por meio de ataques aéreos,

missões de recolhimento de inteligência, e defesa de fronteiras, cujo foco está voltado a alvos de alto valor, como lideranças.



Mapa 1. Situação territorial do ISIS em 30 de outubro de 2014

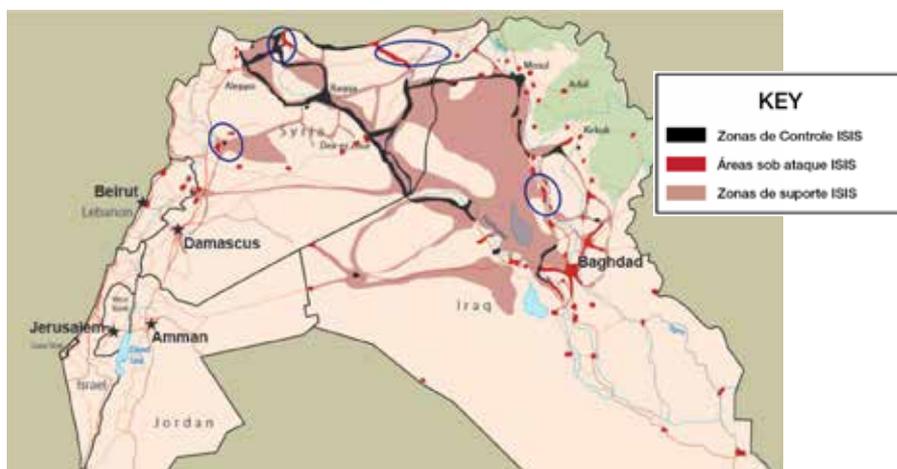
Fonte: Instituto para o Estudo da Guerra (2014)

O nível do teatro de operações da OIR: efeitos da estratégia contra o ISIS¹⁹

Como visto no mapa 1,²⁰ mesmo após os primeiros dias da operação, os insurgentes conseguiram consolidar seus domínios em áreas ao norte da Síria na fronteira com a Turquia e ampliar sua zona de ataque próxima ao rio Eufrates no centro do Iraque, embora perderam o controle de uma pequena parte de territórios a oeste de Bagdá.

Nos seis meses subsequentes, notam-se avanços dos esforços contra o ISIS, nas áreas onde ocorreram os bombardeios da Coalizão. Conforme o mapa 2,²¹ foram recuperados no Iraque territórios controlados próximos à fronteira com a Síria e a Jordânia, a oeste de Kirkuk e a sudoeste de Bagdá – apesar de serem mantidas como zonas de apoio, e do modesto avanço de zonas de ataque –, além da retomada de territórios nas cidades de Baiji e Tikrit e suas imediações – destacados no mapa pelo círculo azul –, embora os insurgentes ainda detiveram pequenas porções de territórios como zonas de ataque e apoio. Vale ressaltar que a retomada de regiões próximas a fronteiras tem um caráter operacional, refletindo a estratégia de negação defendida por Pape. O ISIS também consolidou uma zona de apoio a em uma faixa de territórios do centro para o oeste do Iraque, e expandiu seus domínios para a cidade de Hit, próxima ao rio Eufrates. Por outro lado, o ISIS expandiu suas zonas de apoio na Síria, vistas na faixa de território que se estende do leste à fronteira com o Líbano, e em áreas ao sul de Aleppo, bem como estabeleceu

zonas de ataque ao norte de Damasco, e ampliou estas zonas a nordeste de Raqqa²². Nesse período, o grupo também perdeu o controle de territórios na fronteira com a Turquia, mas manteve uma zona de ataque na região.



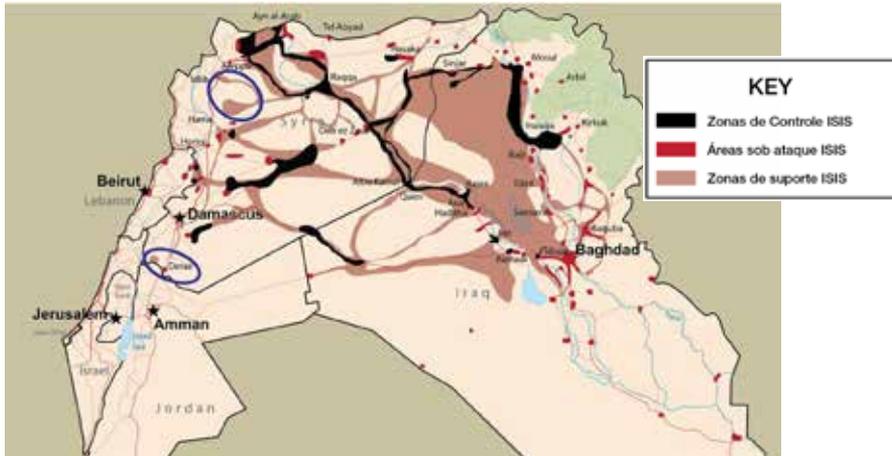
Mapa 2. Situação territorial do ISIS em 03 de abril de 2015

Fonte: Instituto para o Estudo da Guerra (2015)

Após esse período, são notáveis no mapa ³²³ os avanços dos insurgentes em ambos os países. Mesmo perdendo zonas de controle na fronteira entre Síria e Turquia, o ISIS foi capaz de consolidar seus domínios nas proximidades de Raqqa; ao sul de Hasaka; ao norte de Aleppo; em Palmira, localizada no centro do país, expandindo-os para oeste; e para o leste de Damasco, estabelecendo também zonas de apoio a partir destas regiões, bem como ao sul de Aleppo e na fronteira a oeste com a Jordânia. No Iraque, apesar da redução das faixas de territórios controlados e de apoio entre o norte e o sul de Fallujah e a oeste de Mossul, respectivamente, e da eliminação de sua zona de ataque em território curdo a leste de Kirkuk, o grupo reforçou consideravelmente suas zonas de controle ao sul de Mossul e de Sinjar, nas proximidades de Hawija, e no extremo oeste do país em direção à fronteira síria, além de estabelecê-las nas adjacências de Ramadi e Hit.

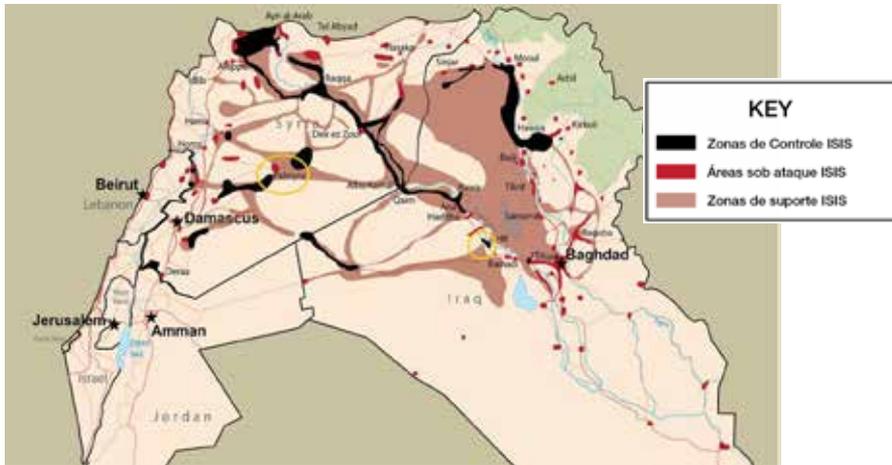
No fim de março de 2016, apesar de alguns avanços do ISIS, este também sofreu perdas. Segundo o mapa, na Síria os insurgentes ampliaram seu controle para áreas na fronteira com a Turquia e se estabeleceram em áreas próximas à fronteira com Israel, porém perderam o domínio de territórios próximos a Hasaka, a noroeste de Raqqa em direção à Ayn-al-Arab e na região de Palmira. Esta última, no entanto, foi retomada por forças pró-regime, de acordo com o ISW²⁴. Já no Iraque, não houve avanços territoriais do ISIS, que perdeu o controle sobre Ramadi, sobre áreas nas proximidades de Sinjar que se estendiam à Síria, e sobre territórios na

região de Hit. Além disso, houve uma diminuição na faixa territorial dominada pelos insurgentes ao norte de Hawija em direção a Mossul.



Mapa 3. Situação territorial do ISIS em 15 de setembro de 2015

Fonte: Instituto para o Estudo da Guerra (2015)

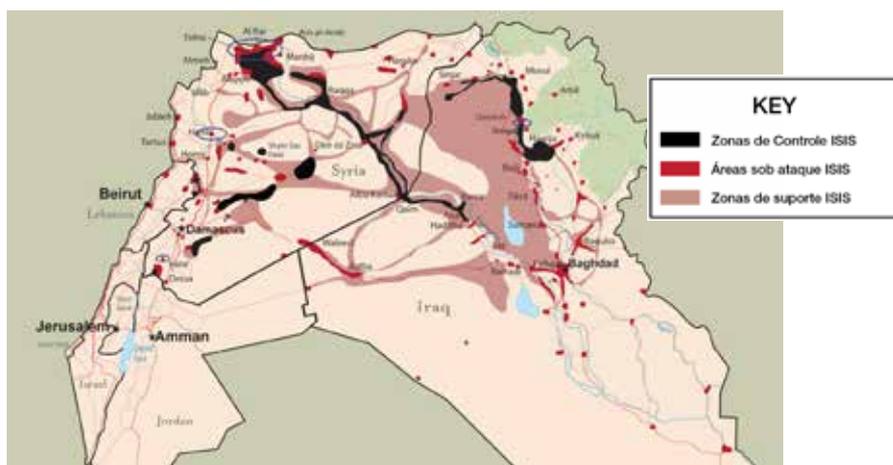


Mapa 4. Situação territorial do ISIS em 31 de março de 2016

Fonte: Instituto para o Estudo da Guerra (2016)

O mapa 5 demonstra que nos meses seguintes, a Coalizão e seus aliados obtiveram resultados significativos em suas operações. Após uma série de confrontos árdios no noroeste da Síria, os insurgentes perderam o controle de áreas na fronteira com a Turquia, e de Manbij para forças sírias apoiadas pelos EUA, embora o ISIS ainda estivesse presente nessas localidades para conduzir ataques. A retomada destes territórios teve como objetivo facilitar a reconquista de Raqqa, impedir o fluxo de comba-

tentes estrangeiros e de suprimentos, bem como evitar que o ISIS reforçasse seus domínios e enviasse células terroristas para conduzir operações em outras áreas²⁵. O grupo também perdeu domínios a oeste de Palmira e de Deraa para forças do regime sírio²⁶. Por outro lado, o grupo tomou o campo de gás natural Sha'er localizado em Palmira, e estabeleceu zonas de ataque nas cidades litorâneas de Jableh e Tartus. No Iraque, o ISIS sofreu diversas perdas territoriais sem que fossem compensadas por outros ganhos. Foi retomado o controle de Fallujah, da faixa territorial entre as cidades de Rutba e Waleed – embora esta ainda tenha permanecido uma zona de ataque –, de áreas a sudoeste de Hit, de pequenos territórios ao norte de Fallujah e sudoeste de Kirkuk, e de regiões próximas a Qayyarah, de Shirqat e de Baiji.



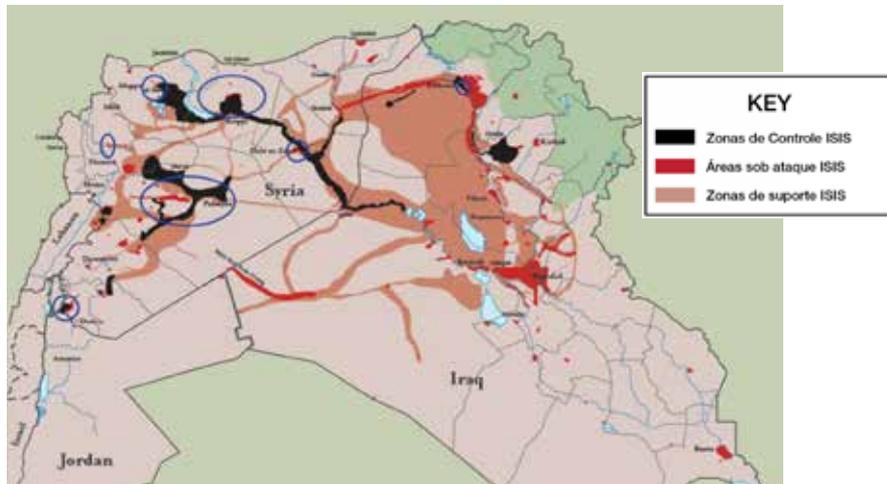
Mapa 5. Situação territorial do ISIS em 17 de outubro de 2016

Fonte: Instituto para o Estudo da Guerra (2016)

Apesar de o penúltimo período do recorte temporal terminar em setembro de 2016, não foi disponibilizado um mapa referente ao fim deste mês, e optou-se por utilizar o mapa da terceira semana de outubro para mostrar a evolução territorial do ISIS desde o fim de março do mesmo ano. Portanto, vale ressaltar que em 16 de outubro, foi retomado o controle da cidade de Dabiq, a noroeste da Síria²⁷.

O mapa 6 ilustra a situação territorial do Estado Islâmico até fevereiro de 2017, período mais próximo ao fim do marco temporal deste estudo—20 de janeiro. Até o início de 2017, o ISIS continuou sofrendo perdas territoriais—tanto zonas de ataque como de controle — no noroeste da Síria, em áreas próximas à fronteira com a Turquia²⁸, além de ter domínios e áreas de apoio reduzidos ao norte de Raqqa. Por outro lado, os insurgentes retomaram o controle de áreas entre Hama e Palmira, apesar de perdas a nordeste de Damasco. No Iraque²⁹, foram retomados territórios próximos a Sinjar em direção a Mossul, e desta em direção a Hawija, embora o ISIS ainda tenha

fixado zonas de ataque em tais regiões. Além disso, o grupo também perdeu controle de áreas a leste de Qaim. Os insurgentes também reforçaram zonas de ataque nas proximidades de Bagdá e Fallujah, e também esteve presente em uma pequena porção de território no leste do Curdistão iraquiano.



Mapa 6. Situação territorial do ISIS em 26 de fevereiro de 2017

Fonte: Instituto para o Estudo da Guerra (2017)

O mapa mostra que, ao final do período estudado, as perdas impostas ao ISIS foram maiores no Iraque do que na Síria. Isto pode ser explicado devido ao maior número de bombardeios aéreos da Coalizão em território iraquiano, no qual foram conduzidos 10.762 ataques, segundo o gráfico 1. Já na Síria, foram contabilizados 6.751 ataques, que estão concentrados na fronteira com a Turquia, enquanto regiões próximas a Palmira e no sul do país não foram alvos destes bombardeios. Outro fator que pode explicar a melhor situação territorial do ISIS na Síria é a adoção de uma estratégia pelo governo Obama que priorizou os esforços contra os insurgentes no Iraque³⁰.

No site da Coalizão, estão disponíveis dados mais concretos sobre as perdas territoriais do Estado Islâmico. No período de agosto de 2014 a setembro de 2016, os insurgentes perderam aproximadamente 52% de seus territórios no Iraque—o que corresponde a uma área em torno de 29.000 e 30.000 km²—, enquanto na Síria foram retomados dos insurgentes territórios entre 10.500 e 11.500 km², o que representa 25% de seus domínios neste país em agosto de 2014. Já no fim do marco temporal desta pesquisa—ou seja, janeiro de 2017—, as perdas territoriais do ISIS no Iraque somam entre 35.000 e 36.000 km², negando-lhe o uso de 62% dos territórios controlados no país em agosto de 2014, ao passo que foram recuperados

cerca de 30% dos territórios sírios dominados pelos ISIS nesta época, ou aproximadamente 13.000 a 14.000 km². Entre estes territórios, foram recuperadas pela Coalizão e seus aliados no Iraque as cidades de Tikrit, Baiji, Sinjar e Ramadi, em 2015; Hit, Ar-Rutbah, Fallujah, Qayyarah e Sharkat, em 2016. Na Síria, foram retomadas pela Coalizão e seus aliados as cidades de Kobani e Tal Abyad, em 2015; e Shaddadi, Manbij e Dabiq, em 2016³¹.

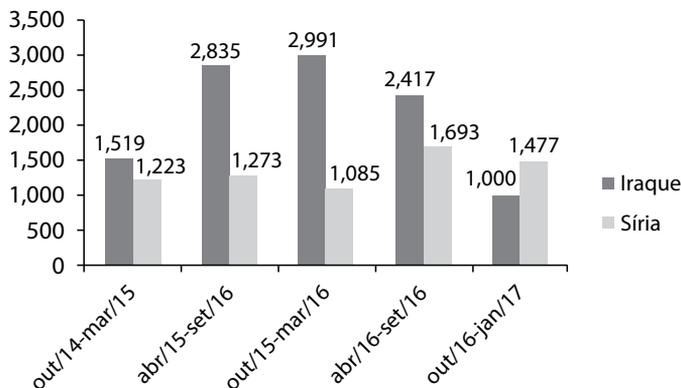


Gráfico. Ataques da Coalizão no Iraque e na Síria entre outubro de 2014 e janeiro de 2017

Source: Author

O nível tático-operacional da OIR: ataques aéreos e alvos atingidos

Nesta seção, serão analisados os relatórios fornecidos pela Coalizão sobre os alvos atingidos desde 16 de outubro de 2014—data do primeiro relatório sobre os ataques da OIR—até 20 de janeiro de 2017, que marca o fim do governo Obama. Tais relatórios serviram de base para a elaboração de um banco de dados para contabilizar os tipos de alvos atacados, por meio de uma busca por termos realizada com o auxílio do *software* Atlas.Ti. Os relatórios ganham maior regularidade em de janeiro de 2015, sendo a partir de então divulgados diariamente.

O recorte temporal a ser estudado corresponde a 28 meses, divididos em 4 semestres e um quadrimestre contendo os meses finais do período analisado. De acordo com a fonte “*Airwars*”, desde o início da OIR até janeiro de 2017, como visto no gráfico acima, foram conduzidos 10.762 ataques aéreos no Iraque e 6.751 na Síria, totalizando 17.513 ataques no período.

Tais ataques, de acordo com os relatórios, atingiram 39.608 alvos. Na tabela seguinte, foram identificados os quinze alvos mais atingidos em cada divisão temporal, em ambos os países, que correspondem a aproximadamente 91% de

todos os alvos reportados nos relatórios. O total destes alvos, como visto na tabela, é de 36.023:

Tipo de alvo	out/14-mar/15	abr/15-set/15	out/15-mar/16	abr/16-set/16	out/16-jan/17	Total
Unidades táticas	791	2.033	1.908	2.140	1.131	8.003
Posições de combate	872	1.739	2.513	1.132	692	6.588
Armamentos**	244	1.188	1.390	1.897	947	5.666
Veículos***	975	1.073	1.059	1.303	752	5.162
Prédios	480	666	529	-	400	2.075
Áreas/zonas de concentração*	68	339	684	574	71	1.736
Rotas de abastecimento	-	149	391	-	389	929
Caminhões-tanque de combustível*	-	-	-	329	482	811
Depósitos de armamentos*	-	77	238	254	114	683
Abrigos à prova de bombas*	73	234	198	91	67	663
Barcos	57	41	-	392	-	490
Túneis/sistema de túneis	-	68	56	198	155	477
Escavadeiras	96	255	-	-	-	351
Núcleos de comando e controle*	-	-	94	93	68	255
Navios tanque*	-	-	-	202	-	202
Estruturas	-	194	-	-	-	194
Bombas de óleo*	-	-	-	95	91	186
Quartéis-sede*	-	-	52	101	-	153
Estradas	-	-	66	-	67	133
Depósitos de suprimentos	-	-	-	109	-	109
Destilarias de petróleo	-	-	-	-	106	106
Grandes unidades*	102	-	-	-	-	102
Pequenas unidades*	96	-	-	-	-	96
Carregadeira frontal****	-	-	-	-	78	78
Instalações de armamentos	-	-	77	-	-	77

Tipo de alvo	out/14-mar/15	abr/15-set/15	out/15-mar/16	abr/16-set/16	out/16-jan/17	Total
Postos de controle*	72	-	-	-	-	72
“Áreas dormitório”*	-	-	68	-	-	68
Motocicletas	-	64	-	-	-	64
Contêineres	50	-	-	-	-	50
Pontes	-	48	-	-	-	48
Unidades*	19	-	-	-	-	19
Pontos de exploração de petróleo	17	-	-	-	-	17
Total	4.012	8.168	9.323	8.910	5.610	36.023

Tabela 2. Alvos mais atingidos durante a OIR

Fonte: Elaboração própria a partir dos relatórios disponíveis em: <http://www.inherentresolve.mil/News/Strike-Releases/>; e <http://www.centcom.mil/MEDIA/NEWS-ARTICLES/>.

* Traduções encontradas em “English – Portuguese Dictionary of Military Terminology”, publicado pelo U.S. Army Combined Arms Center, para os termos: *staging area, staging location, oil tanker truck, weapons cache, bunker, command and control node, oil tanker, oil pump jack, headquarters, large unit, small unit, checkpoint e bed down location*.

** Este termo refere-se a alvos relacionados a poder de fogo, como armas pesadas, tanques, artilharia antiaérea, metralhadoras, foguetes, morteiros, posições de tiro de morteiros, metralhadoras, e foguetes, IEDs (dispositivos explosivos improvisados), VBIEDs (vehicle borne improvised explosive devices, ou carros-bomba), entre outros.

*** Nesta categoria, também estão incluídos alvos como Humvees, veículos táticos, veículos blindados, veículos técnicos, veículos de apoio, veículos de reabastecimento, veículos blindados de transporte de pessoal, entre outros

**** do inglês “front end loader”.

Nota-se que os três alvos mais atingidos na tabela – unidades táticas, posições de combate e armamentos – relacionam-se aos esforços de guerra no campo de batalha, bem como unidades, grandes unidades, pequenas unidades, e áreas de concentração. Estes alvos consistem em mais da metade dos quinze alvos mais atingidos e de todos os alvos reportados nos relatórios—61,65% e 56%, respectivamente—, totalizando 22.210 alvos. Com relação aos elementos de logística e reabastecimento, foram bombardeados no período 10.369 alvos—28,78% dos alvos da tabela e 26,17% do total de alvos—, que incluem veículos, prédios, rotas de abastecimento, depósitos de armamentos, barcos, túneis, estradas, depósitos de suprimentos, instalações de armamentos, postos de controle, motocicletas, contêineres e pontes. Os alvos de infraestrutura crítica, ou de essenciais orgânicos, na terminologia de Warden³², estão relacionados a fontes de energia – no caso do ISIS, principalmente petróleo—, como caminhões-tanque, navios-tanque, bombas de óleo, destilarias de petróleo e pontos de exploração de petróleo. No recorte temporal selecionado, foram atacados 1.322 alvos deste tipo, que representam 3,67% dos alvos listados acima, e 3,34% do total de alvos. Por fim, são vistos na tabela instalações militares não localizadas no campo de batalha, como abrigos, núcleos de comando e controle, quartéis-sede e áreas dormitório. Os três primeiros alvos podem ser considerados como componentes do anel

central de liderança, no qual também se encontram suas instalações e redes de comunicações. Estes totalizam 1.071 alvos, e representam apenas 3% dos alvos indicados na tabela, ou 2,7% de todos os alvos identificados nos relatórios. Os demais alvos não podem ser categorizados conforme a classificação adotada para os alvos já mencionados³³.

É necessária uma análise dos alvos e sua confrontação com as teorias, para que sejam feitas inferências mais consistentes a respeito das missões aéreas a cargo da Coalizão. Como mostra a tabela 1, os esforços aéreos voltaram-se principalmente para o campo de batalha, o que reflete a teoria de Pape. Em seguida, alvos relacionados ao fluxo de suprimentos foram os mais atingidos. Ainda segundo esta tabela, percebe-se que ao longo do tempo, não há mudanças significativas no perfil dos alvos mais bombardeados. Dessa forma, os dados analisados permitem concluir que o emprego do poder aéreo na OIR está mais próximo do aporte teórico de Pape, uma vez que o bombardeio aéreo a alvos no fronte é o meio mais eficiente para se exercer coerção. Estes alvos permitem inferir que tais ataques são conduzidos em missões de ApAA, as quais para o autor são mais proveitosas em frentes estáticas, cenário visto em algumas batalhas contra o ISIS³⁴. Além disso, missões de interdição operacional podem ter sido conduzidas durante o período analisado, dados os ataques consideráveis a alvos como veículos, rotas de abastecimento e depósitos de armamentos, de modo a afetar as funções de apoio no TO. A respeito da negação por meio de interdição estratégica, esta não parece ter ocorrido em escala substancial, já que fábricas de armamentos não se encontram entre os alvos mais atingidos de cada período.

Apesar de as lideranças estarem incluídas como alvos na estratégia norte-americana para combater o ISIS em 2016, a estratégia da Coalizão para a OIR não apresenta como prioridade este tipo de alvo, o qual pode figurar como tal em missões de outras agências ou instituições fora do escopo da OIR. Consequentemente, em seus relatórios há poucos dados sobre ataques a líderes insurgentes³⁵, que foram encontrados majoritariamente nos relatórios elaborados para o Congresso norte-americano. Os dados não demonstram ataques substanciais aos essenciais orgânicos, que no caso do ISIS, relacionam-se principalmente ao petróleo e sua infraestrutura. Este tipo de alvo é foco de outros esforços da Coalizão, materializados na Operação *Tidal Wave II*, que teve início em outubro de 2015³⁶.

Considerações finais

Após a análise dos componentes da OIR, conclui-se que a condução de suas operações pela Coalizão está mais próxima da estratégia aérea coercitiva de negação. Com relação à estratégia, os esforços iniciais de contenção não impediram que o ISIS se expandisse, o que demandou uma mudança para uma postura mais

agressiva, de forma a retomar territórios, especialmente cidades, para frustrar o controle político e inviabilizar a formação de territórios contínuos entre estas, que serviria de base para a constituição física do califado e facilitaria o fluxo de suprimentos e de insurgentes. Já a respeito dos bombardeios aéreos, nota-se que os alvos localizados no campo de batalha foram os mais atingidos, seguidos de alvos relacionados a funções de apoio no TO. Apesar da inclusão das lideranças do Estado Islâmico nos alvos da estratégia norte-americana para combater o grupo, nos relatórios da Coalizão tais alvos são pouco mencionados. Logo, depende-se destes relatórios que as missões conduzidas pela OIR consistem majoritariamente em apoio aéreo aproximado e em interdição operacional, descartando-se a possibilidade de uma campanha que enfatizou a decapitação, a interdição estratégica ou ataques paralelos com o intuito de prejudicar a capacidade de resposta dos insurgentes, o que lhes levaria à paralisia estratégica. Dessa forma, nota-se uma congruência entre os objetivos definidos nos documentos da Coalizão e a condução dos ataques.

Conseqüentemente, verificou-se como efeito dos bombardeios a recuperação de territórios necessários à execução da estratégia do ISIS, como as cidades de Fallujah, a partir da qual os insurgentes conduziam seus ataques contra Bagdá; Sinjar e Shaddadi, as quais faziam parte de rotas para o transporte de suprimentos e combatentes; Tabqa e Manbij, cuja retomada foi necessária para a libertação de Raqqa; entre outras³⁷. Além disso, a reconquista de grandes centros urbanos descredita a narrativa do ISIS de uma governança viável. Nesse sentido, a partir da imposição de perdas de territórios estratégicos, nota-se a negação de refúgio seguro aos insurgentes, que tiveram seus movimentos e recursos cerceados. Uma vez que a atuação do ISIS está focada no domínio territorial, conclui-se que a coerção exercida sobre os insurgentes se baseia na redução da probabilidade de aproveitar os benefícios proporcionados por territórios, sendo praticamente impossível alterar o cálculo sobre o valor da resistência do ISIS devido à importância dada pelo grupo às áreas conquistadas, refletida em sua narrativa. □

Notas

1. Jon Rymer, *Operation Inherent Resolve: Quarterly Report and Biannual Report to the United States Congress: December 17, 2014–March 31, 2015*. (Washington: U.S. Government Printing Office, 2015). <https://oig.usaid.gov/node/1287>.

2. Elinor C. Sloan, *Modern Military Strategy: an introduction* (New York: Routledge, 2012).

3. John Warden, *The Air Campaign: planning for combat* (Darby: Diane Publishing, 1995). <https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a259303.pdf>.

4. James S. Corum; Wray R. Johnson, *Airpower in Small Wars: fighting terrorists and Insurgents* (Lawrence: University Press of Kansas, 2003).

5. John Warden, "The Enemy as a System," *Air Power Journal* 9, no. 1 (Spring 1995): 40-55. https://www.airuniversity.af.edu/Portals/10/ASPJ/journals/Volume-09_Issue-1-Se/1995_Vol9_No1.pdf
6. Robert Pape, *Bombing to Win: air power and coercion in war* (London: Cornell University Press, 1996).
7. Alexander George; Andrew Bennett, *Case studies and theory development in the social sciences* (Cambridge: MIT Press, 2005).
8. Warden (1995), 48.
9. *Ibid.*, 47-49.
10. *Ibid.*, 49-50.
11. Pape (1996), 4.
12. *Ibid.*, 55.
13. *Ibid.*, 69-72.
14. Jon Rymer, *Operation Inherent Resolve: Quarterly Report and Biannual Report to the United States Congress: December 17, 2014–March 31, 2015*. (Washington: U.S. Government Printing Office, 2015) <https://oig.usaid.gov/node/1287>.
15. Ben Connable; Natasha Lander; Kimberly Jackson. *Beating the Islamic State: selecting a new strategy for Iraq and Syria* (Santa Monica: RAND Corporation, 2017).
16. *Ibid.*, 24.
17. Alexander C Ohlers, "Operation Inherent Resolve and the Islamic State: Assessing 'Aggressive Containment,'" *Orbis* 61, no. 2 (March 2017): 195-211.
18. Glenn Fine, *Operation Inherent Resolve: Quarterly Report to the United States Congress: October 1, 2015–December 31, 2015* (Washington: U.S. Government Printing Office, 2015). <https://oig.usaid.gov/node/1291>
19. Para identificar os efeitos dos ataques da Coalizão sobre o ISIS, serão analisados os mapas disponíveis no site do Institute for the Study of War (ISW). Dados complementares encontram-se no site da Coalizão. Ver: <https://theglobalcoalition.org/en/>
20. As faixas de terra destacadas de preto referem-se às zonas de controle do ISIS, definidas pelo ISW como áreas em que os insurgentes exercem pressão—física e/ou psicológica—sobre os habitantes para garantir sua obediência e submissão. As áreas demarcadas pela cor vermelho-escuro são as zonas de ataque, a partir das quais o ISIS conduz manobras ofensivas. Já nas zonas de apoio, representadas pelo tom mais claro de vermelho, não há uma oposição significativa aos insurgentes, e servem de base para apoio logístico e administrativo de suas forças. Por fim, tem-se os territórios curdos no Iraque, identificados pela cor verde. Estas demarcações também estarão presentes nos mapas seguintes. Ver "ISIS Sanctuary Map: October 30, 2014," Institute For The Study Of War, <http://www.understandingwar.org/sites/default/files/ISIS%20Sanctuary%20Map%20Oct%2030%2C%202014.pdf>.
21. Apesar de a primeira divisão do recorte temporal referente aos ataques aos alvos do ISIS terminar no fim de março, o mapa mais próximo deste período data de 03 de abril, enquanto que em março, foi reportada a situação territorial dos insurgentes até o dia 04. Os círculos neste e nos próximos mapas apenas ressaltam algumas das alterações territoriais já indicadas nas áreas determinadas pela legenda, e não refletem o tamanho dos territórios nos quais ocorreram tais mudanças.
22. Nesse período, também negou-se aos insurgentes o uso de uma pequena área nas proximidades de Damasco como zona de ataque. No entanto, esta área não foi bombardeada pela

Coalizão, de acordo com o site Airwars.org. <https://airwars.org/conflict/coalition-in-iraq-and-syria/>.

23. “ISIS Sanctuary: September 15, 2015,” Institute For The Study Of War, <http://www.understandingwar.org/map/isis-sanctuary-map-september-15-2015>.

24. Harleen Gambhir, “ISIS Sanctuary Map: March 31, 2016,” <http://www.understandingwar.org/map/isis-sanctuary-map-march-31-2016>.

25. Caitlin Forrest, “ISIS Sanctuary Map: July 1, 2016,” <http://www.understandingwar.org/back-grounder/isis-sanctuary-map-july-1-2016> Caitlin Forrest, “ISIS Sanctuary Map: August 19, 2016,” <http://www.understandingwar.org/backgrounder/isis-sanctuary-map-august-19-2016>.

26. Harleen Gambhir, “ISIS Sanctuary Map: April 22, 2016,” <http://www.understandingwar.org/map/isis-sanctuary-map-april-22-2016>.

27. Alexandra Gutowski, “ISIS Sanctuary Map: October 17, 2016,” <http://iswresearch.blogspot.com/2016/10/isis-sanctuary-map-october-17-2016.html>.

28. A cidade de Al Bad, nas proximidades de Aleppo, foi retomada somente em fevereiro por forças aliadas à Turquia. Ver Alexandra Gutowski, “ISIS Sanctuary Map: February 26, 2017,” <http://www.understandingwar.org/backgrounder/isis-sanctuary-map-february-26-2017>.

29. No país, a configuração de territórios desde dezembro de 2016 não sofreu alterações significativas até a data do mapa 8. Ver Alexandra Gutowski, “ISIS Sanctuary Map: December 8, 2016,” <http://iswresearch.blogspot.com/2016/12/sanctuary.html>.

30. Anthony H. Cordesman, “The Road to Hell in Iraq and Syria,” <https://www.csis.org/analysis/road-hell-iraq-and-syria>.

31. France Diplomatie. “Interactive Map Of The Military Victories Of The Global Coalition Against Daesh, City By City (October 2017),” <https://webapps.france-diplomatie.info/diplocarto/carte/map-of-military-victories-by-the-international-coalition-against-daesh-city-by>.

32. Warden (1995).

33. Segundo relatórios trimestrais elaborados para o congresso norte-americano, foram conduzidos ataques a líderes tanto do ISIS como também da al-Qaeda que auxiliam os esforços daquele grupo. Entre abril 2015 e março 2017, foram mortos mais de 100 indivíduos relacionados a cargos de liderança. Estão disponíveis em: <https://www.stateoig.gov/reports/overseas-contingency-operations/>.

34. Christopher Jones, “ISIS October News Roundup: October 2014,” <https://gatesofnineveh.wordpress.com/2014/10/08/isis-october-news-roundup/> Jared Malsin, “Iraq Liberates Fallujah From ISIS. Now the Hard Part Begins,” <http://time.com/4384000/isis-fallujah-iraq-mosul-campaign/>.

35. Apesar de discursos sobre ataques a combatentes e líderes estarem presentes nos relatórios divulgados em 31 de março de 2015, e 16 e 18 de abril do mesmo ano, apenas o relatório publicado em 24 de setembro de 2015 menciona um ataque a uma unidade tática, no qual foi morto um líder sênior.

36. Glenn Fine, *Operation Inherent Resolve: Quarterly Report to the United States Congress: October 1, 2015–December 31, 2015* (Washington: U.S. Government Printing Office, 2015). <https://oig.usaid.gov/node/1291>.

37. Ibid.



Valéria de Moura Sousa

Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais (UFPB). Bacharel em Relações Internacionais (UFPB). Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Estratégicos e Segurança Internacional (GEESI/UFPB). Tem como áreas de interesse acadêmico Contrainsurgência e Poder Aéreo.



Augusto W. M. Teixeira Júnior

Doutor em Ciência Política (UFPE). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais (PPGCPRI/UFPB), Pesquisador do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CE-EEEx), linha de Geopolítica e Estratégias Militares. Pós-doutor em Ciências Militares na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Autor do livro “Geopolítica: do Pensamento Clássico aos Conflitos Contemporâneos”. Cursou o Strategy and Defense Policy Course (SDP) pelo William J. Perry Center for Hemispheric Defense Studies.